

Um Panorama da Filosofia Contemporânea

Antonio Fernandes Gomes da Costa*

O artigo apresenta uma análise sucinta das principais correntes do pensamento que conformam o panorama da Filosofia contemporânea.



O conceito de Filosofia contemporânea não encontra unanimidade entre os estudiosos do assunto, pois depende do ponto de vista assumido como referência. Há os que consideram, como marco, a morte de Hegel, em 1831; outros consideram, como referência, o último quartel do século passado; há ainda os que só aceitam, como Filosofia contemporânea, a que se desenvolveu no século XX.

Independente da referência temporal, indubitavelmente o que ninguém questiona são as implicações ocorridas no campo político, econômico, psicossocial, cultu-

ral e científico-tecnológico. Em decorrência, novos enfoques tiveram que fazer face tanto ao que se refere à busca de solução dos problemas tradicionais surgidos, como outros ainda insuspeitados. No setor das ciências exatas, grande foi o salto das geometrias não-euclidianas, a teoria dos conjuntos e, sobretudo, da lógica matemática.

Não se pode deixar de ressaltar a Física nuclear e quântica, as novas concepções de tempo e espaço, com a teoria da relatividade. Evidentemente, essas novas conquistas teriam de refletir-se no campo da Filosofia.

Neste ensaio, analisar-se-ão sucintamente as seguintes correntes de pensamento: o *Neocriticismo*: a

Escola de Marburgo e a Escola de Baden; o *Historicismo* e o *Neo-Hegelianismo*; o *Neo-Positivismo Lógico*; a Filosofia da Ciência e a Filosofia da Linguagem; o *Pragmatismo* e o *Instrumentalismo*.

O NEOCRITICISMO: A ESCOLA DE MARBURGO E A ESCOLA DE BADEN

O *Criticismo* kantiano, como é conhecida a filosofia de Kant, durante um século e meio passou por diversas vicissitudes e alternativas. Outras correntes passaram a dominar o cenário filosófico, destacando-se o *Idealismo absoluto*, na Alemanha, de Hegel, o *Materialismo*, o *Darwinianismo* e o *Positivismo*, de Comte. Em meio a tantos sistemas, alguns

* Coronel de Infantaria, integrante do Magistério do Exército

pensadores buscaram um fundamento filosófico seguro para fugir ao idealismo reinante; a solução era o retorno de Kant. Essa reviravolta é expressa no agrupamento de notáveis pensadores conhecidos como os *neo-kantianos* ou os *neo-criticistas*, que fundam duas escolas: a Escola de Marburgo e a Escola de Baden.

A influência posterior dessas Escolas far-se-á sentir no mundo inteiro, e não apenas na Alemanha. Será referência especialmente para os estudiosos do campo ético e jurídico.

A revolução científica induz a Filosofia contemporânea a sair da égide da Física de Newton e da Geometria euclidiana, e a teoria da relatividade supera toda explicação da realidade vigente. É nesse panorama que a Escola de Marburgo traz Kant para a Física e a Matemática. Dentro da nova realidade, o *a priori* torna-se fundamental, para justificar as concepções teóricas. Significa que o avanço científico passa a atrelar-se ao pensamento teórico. O conhecimento, para ser objetivo, passa a rever a teoria do conhecimento na *Crítica à Razão Pura*, de Kant.

À semelhança de Kant, seus seguidores reduzem a Filosofia à *gnosologia*, negando a metafísica. O mundo da cultura está demarcado, em sua integridade, por três ciências: a *lógica*, a *ética* e a *estética*.

A escola de Marburgo teve por chefe indiscutível, durante muitos anos, Hermann Coehen e a ela pertenceram também Matorp, Casirer, M. Hartmana, Paulsen, Vorländer e o notável jurista Rodolfo Stammler.

A escola de Baden floresceu simultaneamente com a de Marburgo. Tem, como pensadores de destaque, Wilhelm Windelband (1848-1915) e Heinrich Rickert (1863-1936). Seguem o mesmo princípio, desenvolvem o kantianismo sem sujeitar-se muito à interpretação literal. Sua principal característica é não reduzir a Filosofia à pura *gnosologia*. Para os pensadores dessa escola, a Filosofia deve ser considerada como filosofia da cultura universal e estudo dos valores.

Sciacca (1962, p. 186) comenta que *Windelband e, especialmente, Rickert acentuam a importância das normas necessárias e universais do juízo histórico, postas acima do dever num reino de*

valores, não-realizadas nem realizáveis pela consciência individual, mas que são adequadas pela consciência universal.

Conclui-se que os neo-kantianos absorveram a atenção da intelectualidade durante décadas. Hoje, sua influência restringe-se à Filosofia do Direito e às críticas históricas.

HISTORICISMO E NEO-HEGELIANISMO

Entende-se por *Historicismo* a tendência que leva a considerar os produtos ou criações do espírito e da cultura (filosofia, direito, moral, religião etc.) somente em seu clima histórico, limitando seu valor de verdade, bondade e justiça no tempo e lugar em que aparecerem ou estiverem vigentes.

O *Historicismo* coloca em questão: a História é uma ciência? Há uma razão histórica? Para Hegel, não há razão histórica sem razão ou sem ação do homem. A História se faz na temporalidade e, portanto, não se repete, bem como decorre da ação humana em todas as suas reciprocidades. Significa que estudar História é estudar as relações humanas, as quais têm, como reflexo, os fatos históricos. A propósito, é

oportuno lembrar Capalbo (1987, p. 79) para quem é a historicidade do homem que engendra a História, e não o contrário.

No seu dizer a *História*, portanto, implica num encontro, onde a distância e a proximidade, a dualidade e a unidade são mantidas numa tensão dialética, permitindo que o outro seja respeitado na sua alteridade.

Entre os adeptos do *Historicismo* torna-se indispensável destacar Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo alemão com grande contribuição à noção de *ciências do espírito*, denominadas recentemente *ciências humanas*. O pensador aludido faz uma crítica da razão histórica e, como tal, tem como fundamento a compreensão humana a partir dos sistemas de relação. Valoriza as experiências vividas, pois é a partir destas que se chega ao conceito básico do significado. A vida humana tem um significado nas suas relações interpessoais. Sua temática, portanto, é o aprofundamento dos significados.

As principais obras de Dilthey são: *Introdução às Ciências do Espírito* (1883); *A Essência da Filosofia* (1907); *A Construção do*

Mundo da História nas Ciências do Espírito (1910). Pelo visto, suas publicações têm um caráter pragmático. Sua importância consiste em ter aberto um caminho, que seria explorado pelo desenvolvimento ulterior da Sociologia e da Psicologia Social.

De origem anglo-saxônica é, sobretudo, na França e na Itália que, nos últimos anos do século XIX, renasce o *Neo-hegelianismo*. Trata-se de uma reação contra as filosofias *negativas*, e tem, como inspiração, o *Idealismo* de Hegel. Ora, foi Hegel quem descobriu a dimensão essencial do pensamento: *não se pode pensar sem conceito*. O pensamento filosófico é a análise dos conceitos. A concepção dialética é a base que alicerça essa corrente de pensamento. Na filosofia do espírito de Hegel o processo dialético tem, de maneira geral, três momentos: o espírito subjetivo, o espírito objetivo e o espírito absoluto. Segundo este esquema, que de uma maneira ou de outra será seguida pelos adeptos dessa corrente, todos os momentos mantêm incorporados, nos respectivos relacionamentos, as características que os diferenciam em relação ao outro. O que impor-

ta é a dinâmica do processo dialético.

O resgate do *Neo-hegelianismo* manifesta-se principalmente na Itália, no pensamento de Benedetto Croce (1866-1952) e Geovanni Gentile (1875-1944).

Durant ([s.d.], p. 443) caracteriza Croce como um idealista, que não reconhece nenhuma filosofia, além da de Hegel. *Toda realidade é idéia; nada sabemos, exceto a forma com que as coisas se apresentam em nossas sensações e em nossos pensamentos. Por isso, toda filosofia é redutível à lógica; e a verdade não passa de um perfeito relacionamento com as idéias.*

A produção livresca de Croce tem como alvo todos os campos filosóficos, a crítica literária e a historiografia. A base de sua filosofia é a metodologia da História a partir da dialética dos opostos e da dialética dos instintos. Sciacca (1962) sintetiza o pensamento de Croce ao afirmar que *as formas de espírito não se negam uma na outra, mas se distinguem na unidade do próprio espírito: cada uma é a condição e o condicionado das outras* (circularidade).

Outro representante do idealismo neo-hegelianismo

é Gentile que tem, como aspecto característico de seu pensamento, o *atualismo*. Consiste em afirmar que o absoluto se confunde dialeticamente com o próprio sujeito, não lhe sendo externo ou alheio. Significa que o objetivo do pensamento é o próprio ato de pensar. A idéia é o ato e o dever é o próprio ato de pensamento, ao qual não se pode pressupor o ser e o não-ser. Sciacca (1962) muito bem sintetiza a idéia básica do pensamento de Gentile: *a sua atividade é a dialética e três são as formas do espírito absoluto: a arte (momento da subjetividade pura); razão (momento da pura objetividade); filosofia ou pensamento na plena consciência de si mesmo*. A obra de destaque de Gentile é *O ato do pensamento como ato puro* (1912).

Quanto ao *Neo-hegelianismo*, é oportuno ressaltar que os dois marcantes representantes foram, indubitavelmente, Croce e Gentile. Croce é um *neo-hegeliano* de esquerda, aceita a lógica das contradições. Gentile, é contrário ao liberalismo, é defensor do Estado forte (poder centralizado no Esta-

do) e pertence à direita hegeliana.

NEOPOSITIVISMO LÓGICO, FILOSOFIA DA CIÊNCIA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

O *Neopositivismo* ou *Neopositivismo lógico* é uma corrente de pensamento que se aparenta ao positivismo clássico de Augusto Comte e S. Mill, baseado numa fé incondicional no valor das ciências positivas e seus métodos. Esse pensamento ficou definido ao constituir-se um grupo de pensadores em torno de Moritz Scchilick (1882-1936), a que se convencionou chamar Círculo de Viena. Os teóricos desse Círculo, além de M. Scchilick, teve R. Carnap (1891-1953), O. Neurath (1882-1845) e H. Rcichembach. Propõem-se chegar a um conhecimento científico único que mereça esse nome, sem necessidade de uma metafísica, de uma teoria do conhecimento, de uma fenomenologia. No entender de Sciacca (1962, p. 332) *trata-se de apresentar uma linguagem científica que, evitando todos os pseudoproblemas, permita adiantar prognósticos e formular as*

condições do seu controle, por meio dos dados da observação. Isso significa entender o empirismo a todo o domínio do pensamento, de modo a libertar-se de qualquer aparência metafísica.

Em suma, tudo que não é dado da experiência ou sujeito a ser rejeitado pelo princípio da verificabilidade não tem sentido. Assim, os problemas da metafísica são sem sentido.

O *Neopositivismo lógico* desdobra-se em duas vertentes: de um lado, a filosofia da ciência, do outro, a filosofia da linguagem.

A ciência, até o século passado, foi tida como decorrente da evolução e do progresso, isso em razão da explicação positivista. Evoluir significa: tornar-se superior e melhor do que era antes. Progredir significa: ir num rumo cada vez melhor na direção de uma finalidade superior.

A *Filosofia da Ciência* é uma corrente filosófica que vai se opor a tal entendimento. Isso porque as elaborações científicas e os ideais de cientificidade são diferentes e descontínuos. A expressão *ruptura epistemológica* foi criada pelo

filósofo Gaston Bachelard para explicar o novo quadro contemporâneo quando comparado com o anterior.

Então, ocorre a *ruptura epistemológica* quando os conceitos, os procedimentos, os instrumentos existentes não explicam o que os cientistas estão observando, nem levam aos resultados que estão buscando.

Dentro dessa linha de pensamento da Filosofia, além de Bachelard é interessante destacar Thomas Khum e Karl Popper.

Khum designa os momentos de *ruptura epistemológica* e de criação de novas teorias com a expressão *revolução científica*. Exemplifica-se com a revolução coperniana que substituiu a explicação geocêntrica pelo *Heliocentrismo*. Em tempos normais, um cientista, diante de um fato ou de um fenômeno ainda não estudado, usa o modelo ou paradigma.

Por outro lado, Karl Popper defende que a reelaboração científica decorre do fato de ter havido uma mudança no conceito filosófico-científico da verdade. Essa mudança tem como base o fato de não mais ser possível explicar-se

o fenômeno, pois foi julgado falso, em conseqüência das contradições impostas por uma nova teoria. Assim, a refutabilidade seria critério de avaliação das teorias científicas e garantiria a idéia de progresso científico, pois é a mesma teoria que vai sendo corrigida por fatos novos que a falsificam.

Por sua vez, a *Filosofia da Linguagem* é o modo de fazer filosofia que acredita que os problemas filosóficos possam e devam ser resolvidos por meio de uma análise da linguagem. É também conhecida por *Filosofia Analítica*, pois a atividade filosófica deve preocupar-se com o esclarecimento das expressões lingüísticas e, mais abstratamente, com questões sobre a significação, a verdade, a referência.

São notáveis representantes da *Filosofia da Linguagem*: B. Russel, L. Wittgenstein, M. Schilick, R. Carnap e A. Ayer, entre outros.

PRAGMATISMO E INSTRUMENTALISMO

Desenvolvido principalmente nos Estados Unidos, o *Pragmatismo* caracteriza-se pela proposta geral de

fundar o filosofar na esfera da praxis (prática) humana nos efeitos concretos da vida, como critério básico para verdade. Segundo Durant ([s.d.], p. 479) *verdade é um processo; verdade é verificação. Em vez de indagar donde deriva uma idéia, ou quais as suas premissas, o pragmatismo examina-lhe os resultados.*

O mais famoso representante do *Pragmatismo* foi Willian James (1842-1910). Defende as teses filosóficas como sendo diretamente ligadas a praxis — os resultados da conduta e a experiência concreta do homem. Conclui, então, que a praxis — os resultados da conduta e a experiência concreta do homem — apresenta-se como o melhor critério para se estabelecer a adequação ou a indagação de uma teoria.

O *Instrumentalismo*, também desenvolvido nos Estados Unidos, representa transformações específicas do *Pragmatismo*. O expoente máximo dessa corrente de pensamento foi John Dewey, o qual considera sua teoria como uma expressão dos métodos utilizados, de fato,

pela ciência experimental: *Para compreender o pensamento, devemos observá-lo quando surge em situações específicas. O raciocínio não começa por premissas e sim com dificuldades; depois, concebe uma hipótese, que se torna conclusão, para a qual ele procura as premissas; finalmente submete a hipótese à observação e experiência* (Durant [s.d.], p. 488). Durant, citando o próprio Dewey, conclui que *a primeira característica do pensar é enfrentar os fatos — inquérito, minucioso e extensivo exame, observação*. Em suma, sem espaço para misticismos.

Dewey desenvolve seu pensamento associando o

evolucionismo darwiano com a dialética de Hegel. É marcante sua influência na educação e na política. Seu ponto de vista sobre educação tem como base a prática da vida, a cidadania, a liberdade, a prosperidade etc. No campo político procurou consolidar os valores de uma sociedade democrática.

CONCLUSÃO

O estudo das correntes filosóficas, examinadas neste ensaio, permite que se constate a complexidade do pensamento filosófico contemporâneo. Do analisado depreende-se que a trajetória do pensamento não pode

ser reduzida a uma única dimensão, em face de cogitações entre o racionalismo e o espiritualismo, entre natural e artificial, entre ciência e crença.

Verificou-se, isto sim, que há um permanente jogo de essência e aparência, de verdade e máscara, de vida e interioridade, sem falar das trágicas conseqüências que emergem quando um dos lados desce aos extremos: suprema racionalidade operacional no irracionalismo final dos campos de concentração nazistas e singeleza teológica na escatologia poética da física teórica contemporânea.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Âmbito Cultural, Rio de Janeiro, 1987.
- CHALLAYE, Felicien. *Pequena história das grandes filosofias*. 3ª ed., Nacional, São Paulo, 1978.
- 136 CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ática, São Paulo, 1994.
- DURANT, Will. *História da Filosofia*. Nacional [s.d.], São Paulo.
- HEINEMANN, F. *A Filosofia no século XX*.
- REZENDE, Antonio (organizador). *Curso de Filosofia*. 5ª ed., Zahar, Rio de Janeiro, 1991.
- SCIACCA, Michele Frederico. *História da Filosofia*. Mestre Jou, São Paulo, 1962.
- VERGEZ, André, Huisman, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. 4ª ed., Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1980.